

Resenhas

Rogério Lustosa e Ca

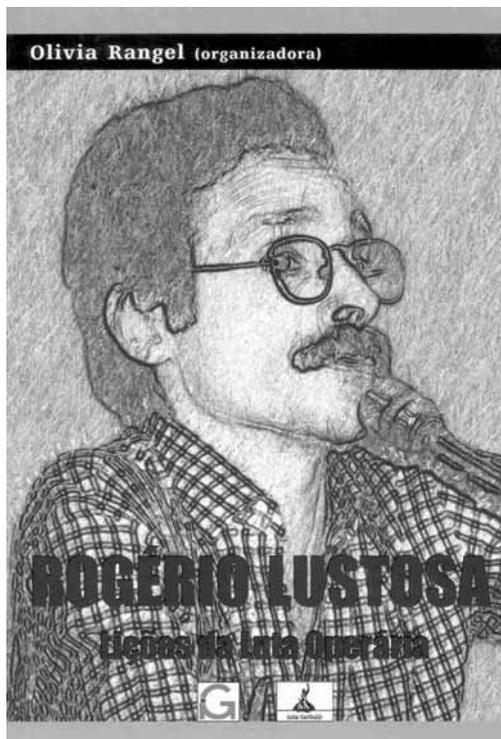
Rogério Lustosa: lições da luta operária, Olivia Rangel (org.), São Paulo, Anita Garibaldi, 2002, 160 pp.

Este livro é uma coletânea de artigos de Rogério Lustosa publicados na imprensa comunista. Nele há uma nota biográfica, publicada pelo jornal A Classe Operária, a seguir reproduzida:

Em 21 de outubro de 1992 Rogério Lustosa faleceu subitamente de enfarte, num dia ensolarado, no parque do Ibirapuera, em São Paulo. Sua morte causou grande consternação no Partido e em todos os lutadores pela causa da liberdade e do socialismo. Rogério tinha apenas 49 anos e foi fulminado por um ataque cardíaco que interrompeu, bruscamente, uma vida integralmente dedicada à revolução. Membro do Comitê Central e do Secretariado, era responsável pela Agitação e Propaganda do Partido.

Fundador e dirigente da *Tribuna da Luta Operária*, que marcou toda uma geração de militantes do PCdoB e do movimento popular, Rogério destacou-se como hábil polemista, bem humorado, contundente e mordaz. Colaborou permanentemente com o órgão central do Partido, a *Classe Operária*. E depois que a *Tribuna* parou de circular, em 1988, dirigiu o relançamento da revista *Princípios*, que passou a desempenhar um papel inédito como instrumento de luta teórica do Partido.

Rogério não era jornalista. Mineiro de Belo Horizonte, ele iniciou sua vida de militante como aluno da Faculdade de Engenharia da PUC, no Rio de Janeiro, na época da ditadura militar. Membro da Ação Popular, corrente política que tinha mais presença entre os estudantes na época, Rogério foi membro da Comissão Estudantil do Rio de Janeiro e após o Congresso da UNE, realizado na clandestinidade em 1966, passou a pertencer à Comissão Nacional Estudantil da AP, que coordenava toda a agitação. Esteve entre os presos do famoso



Congresso de Ibiúna, em 1968.

Magro e anguloso, e dono de um bigode à la Zapata, ficou conhecido como João Bigode. Dedicava-se integralmente à militância, e estava sempre onde a organização precisava. No final dos anos 60 foi enviado a Belo Horizonte para integrar o Comando Regional da AP. Animado com a política de “integração com as massas” da organização, matriculou-se num curso de torneiro mecânico do SENAI. Foi preso ao participar de uma pichação do primeiro de maio de 1969, com documentos falsos. Não identificado pela repressão, foi solto meses depois.

Foi trabalhar então no Vale do Pindaré, no Maranhão, para dirigir o trabalho entre os camponeses contra as grilagens e pela posse das terras. Em fins de 1971, foi novamente preso e desta vez identificado. Levado para Fortaleza, brutalmente torturado, permaneceu na prisão até 1975. O médico Carlos Valadares, que esteve com Rogério na prisão, declara que ele tinha uma visão política extraordinária. Da prisão, acompanhou o processo de luta ideológica da AP, compreendeu a necessidade de um partido revolucionário, marxista-leninista e que este já existia no Brasil: era o PCdoB, ao qual ingressou, ainda preso, em 1972 quando a AP se incorporou ao PCdoB

Quando saiu da prisão, em 1975, foi para o Rio onde se engajou no Movimento pela Anistia. Logo depois, recebeu a tarefa de fundar e dirigir a *Tribuna da Luta Operária*, onde escreveu inúmeros artigos polêmicos em defesa do marxismo e do Partido, combatendo com pena firme as correntes que propunham a liquidação do Partido e preconizavam o fim do socialismo. No 8º Congresso do Partido coube a ele expor a principal conclusão teórica aprovada: a necessidade de “lutar desde já, pela vigência do socialismo científico em nossa pátria”.

Assim era Rogério Lustosa, que deixou marcas inde-

Carlos Danielli em livro

léveis entre os comunistas e todos os que se dedicam em nosso país a pensar os grandes problemas da luta revolucionária e da emancipação de nosso povo. Como o assum preto, Rogério alçou vôo e não mais voltou. Mas

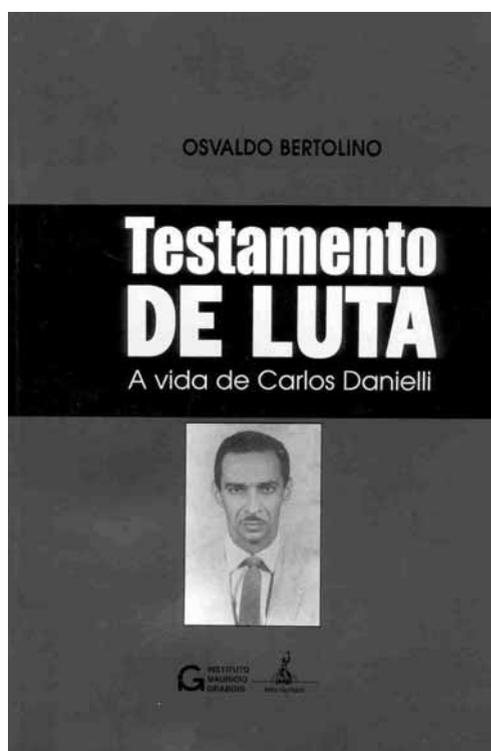
deixou para todos nós, amantes da liberdade, o desafio de continuar a travar a luta teórica, política e ideológica em defesa de nossa liberdade e soberania, em defesa de um futuro melhor, de um mundo socialista.

Testamento de luta: a vida de Carlos Danielli, Osvaldo Bertolino, São Paulo, Anita Garibaldi, 2002, 183 pp.

A história do Partido Comunista do Brasil foi feita por inúmeros lutadores que deram a vida pela organização de vanguarda do proletariado. Alguns, no sentido figurado da dedicação incansável e que nunca medem forças para desempenhar as tarefas que lhes cabem. Outros, no sentido literal de derramar seu sangue pela causa do socialismo e do progresso social.

Carlos Nicolau Danielli foi um destes destemidos que lutaram até o fim, um daqueles cujo heroísmo transformou em uma última trincheira o momento dramático do confronto solitário com os algozes da repressão. História cheia de lições narrada neste livro de Osvaldo Bertolino.

Carlos Danielli teve já no berço suas primeiras lições de luta proletária. Era neto de um imigrante italiano marcado por influências anarquistas que foi para o Rio de Janeiro no começo do século XX. E seu pai, Paschoal Danielli, um sindicalista atuante na antiga capital federal, que se filiou ao Partido Comunista do Brasil ainda na década de 1920. Carlos Danielli logo ligou-se à luta de sua classe e, muito jovem, em meados da década de 1940, também filiou-se ao Partido. Era um caminho natural para um homem, como ele, dotado de aguçado sentido de classe que logo o levou a posições de destaque na direção partidária. Foi, por exemplo, eleito para o Comitê Central no IV Congresso, em 1954, com apenas 25 anos de idade.



Esta foi uma trincheira de luta teórica para Carlos Danielli, presente no debate das teses do IV Congresso, de 1954, e no confronto contra o revisionismo aberto em 1956/ 1957 e que prosseguiu até o debate do V Congresso, de 1960, e confluuiu para o desenlace de 1962. A luta de idéias – pensava Danielli –, natural entre os comunistas, devia ser uma luta de princípios para gerar e fortalecer uma visão comum e unitária. “O Partido não é e não pode ser um fim em si mesmo, mas o instrumento da revolução”, escreveu então.

No esforço de aprofundar o conhecimento da realidade brasileira, ele compreendeu a necessidade da luta pela hegemonia no movimento de massas e a importância fundamental da questão nacional em um país dominado como o nosso. Compreendia a necessidade da aliança do proletariado com todos os setores avançados e progressistas, sem nutrir, contudo, ilusões quanto à capacidade da burguesia brasileira levar a luta até o fim. Tinha uma visão claramente dialética e atualíssima desse processo: “Unidade e luta são dois momentos de um só processo dialético que deve ser levado com vistas a fortalecer e ampliar a frente única. Processo inconcebível se não visar dar base de massas à aliança estabelecida”.

Há uma enorme carência de biografias de comunistas brasileiros, e um dos grandes méritos desta, escrita por Osvaldo Bertolino, é – resgatando a trajetória de Carlos Danielli –, ajudar a suprir essa deficiência.

José Carlos Ruy